

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS

EDIELEN CATARI GONÇALVES

**DECIFRA-ME OU TE DEVORO: ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE
INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS EM PROVAS PADRONIZADAS**

PONTES E LACERDA-MT
2016/2

EDIELEN CATARI GONÇALVES

**DECIFRA-ME OU TE DEVORO: ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE
INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS EM PROVAS PADRONIZADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Letras – Campus Universitário de
Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da prof.
Dra. Vanessa Fabíola Faria, como requisito parcial para
avaliação na disciplina de TCC.

PONTES E LACERDA-MT
2016/2

DEDICATÓRIA

Dedico este ensaio monográfico primeiramente a DEUS por ter me proporcionado saúde, entendimento, por ter me fortalecido para superar os obstáculos obtidos no decorrer do curso.

Em especial a meu esposo Magno Romário que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando-me durante todo este percurso.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha segunda mãe Máxima que mesmo estando longe sempre me apoiando dando suporte afetivo emocional no decorrer do curso.

A minha mãe Severina e meus irmãos Silene, Veronica e Gustavo por acreditarem na minha capacidade.

A minha prima Marlene sempre me encorajando e me especial ao meu primo Leonardo que mesmo não estando mais em nosso meio, mas me lembro das palavras de incentivo que sempre me dizia para concluir meu curso.

Aos funcionários da UNEMAT, especialmente a Teresa pela grande ajuda e verdadeira amizade.

Aos professores no decorrer do curso por terem participado pelo meu processo de aprendizagem.

A minha orientadora Vanessa Farias e professora de TCC Marlene Flores pela contribuição para a concretização deste sonho.

A minhas amigas que sempre estiveram me estimulando a concluir o curso em especial: Ana Vieira, Mirian, Andielle, Rosicleia, Sonia, Maria Regina, Maria Divina, Ana Pula, Odete, Edine e Nayla que me incentivaram nos momentos de angustia, obrigada por acenderem a luz que estava apagada em mim, e a todos os amigos que diretamente e indiretamente contribuíram para a conclusão deste curso.

RESUMO: Este trabalho monográfico teve como objetivo observar e analisar os tipos de anáforas nos textos da Prova Brasil do 9º ano de Língua Portuguesa. Tivemos como objeto de pesquisa quatro textos aplicado nas provas no ano de 2011 e 2013. Recorremos algumas teóricas relevantes, como Koch (2002), Costa Val (1999) e Guimarães (1990) que ressaltam sobre a linguística textual especificamente com coerência e coesão. Assim, buscamos levantar reflexões em que as anáforas são definidas como constituinte essencial na coesão referencial. Sendo um texto muito mais que um agrupamento de frase e palavras, dessa forma a coerência e a coesão são fundamentais para a estruturação do texto e anáfora é apresentada como peça-chave na compreensão de texto em nosso *corpus*.

Palavras-chave: Linguística Textual. Coerência. Coesão. Anáfora. Prova Brasil.

ABSTRACT: This monographic work aimed to observe and analyze the types of anaphora in the texts of the Brazil Proof of the 9th year of Portuguese Language. (2007), Costa Val (1999) and Guimarães (1990), which emphasize textual linguistics specifically with coherence and cohesion. Thus, we seek to raise reflections in which anaphora is defined as an essential constituent in referential cohesion. Being a text much more than a grouping of sentences and words, in this way coherence and cohesion are fundamental to the structuring of the text and anaphora is presented as a key element in the comprehension of text in our corpus.

Keywords:Textual Linguistics. Coherence. Cohesion. Anaphora. Proof Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – Linguística Textual	10
1.1 Coerência	11
1.2 Coesão.....	13
CAPITULO II- METODOLOGIA	15
2.1. Metodologia de pesquisa e categorias de análise.....	15
CAPÍTULO III – Apresentação dos dados e análise	17
Considerações Finais	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma proposta de reflexão sobre os conceitos da linguística textual, que procuram construir o texto em uma estrutura, de modo que o leitor possa compreender o enunciado, ou seja, levando em conta os elementos de coesão e coerência que podem levar à objetividade necessária para a compreensão de texto nos exercícios da prova Brasil de Língua Portuguesa, nosso *corpus* para este trabalho. Para tal buscamos algumas autoras de grande relevância nesta área como: Koch (2005), Costa Val (1999) e Guimarães (1990).

Sob essa perspectiva, o texto é o objeto de investigação da linguística textual, pois o ser humano se comunica através dele e que há vários recursos linguísticos que só explicam dentro de textos, que possuem a finalidade de solucionar, esclarecer possíveis dúvidas pertinentes na esfera textual. Sendo assim possui recursos significativos para o desenvolvimento e compreensão do texto, que é a materialidade em nossa análise.

A coerência e a coesão são os recursos linguísticos que discutiremos no decorrer desta pesquisa, porém nosso foco é a coesão e a partir daí, analisaremos a ocorrência de anáforas no texto da prova Brasil de língua portuguesa do 9º ano, aplicada no ano de 2011 e 2013.

Nosso corpus é a Prova Brasil, que foi criada em 2005, que tinha como alvo o ensino fundamental nas escolas públicas com no mínimo 30 alunos matriculados nos anos iniciais ou finais, levando em consideração a leitura, na disciplina de Língua Portuguesa e, a resolução de problemas, em Matemática.

Porém nos anos seguintes houve modificações e atualmente a Prova Brasil, passou a ser realizada a cada dois anos e direcionada aos alunos do 5º ano e 9º ano da rede pública de ensino em área urbana e tem como prioridade mostrar os resultados de cada unidade escolar da rede pública de ensino.

Ancorada nessas discussões visando as ferramentas utilizadas na compreensão do texto, isto é, mecanismos responsáveis pela ligação de sentido, e um desse mecanismo é a anáfora que é um fenômeno textual de referência, que possibilita a sinalização entre a informação nova e a expressa.

Esta pesquisa será dividida em três capítulos. O primeiro apresenta a proposta postulada nos estudos da linguística textual, delineada na coerência e coesão textual, e os recursos linguísticos utilizados para que um texto seja compreendido.

Para o segundo capítulo buscamos mostrar o processo utilizado na construção desta pesquisa, o tipo de pesquisa, a leitura do modelo teórico-metodológico, a escolha do *corpus*, e os dados a serem analisados.

Para o terceiro destinou-se a análise dos dados encontrados a partir dos estudos feitos durante este trabalho. As considerações finais são os resultados alcançados ou não, em nosso estudo.

CAPÍTULO I – Linguística Textual

Estudaremos a linguística textual como fundamentação teórica-metodológica de Ingedore G. Villaça Koch, que é uma referência no Brasil em linguística aplicada, atuando principalmente com linguística textual, leitura e interpretação, semântica e estilística.

Para a conceituação de texto, apresentaremos o estudo desta autora, que relata que o texto não é qualquer aglomerado de frases. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. Para a autora (2003) o texto é:

[...] considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH, 2003, p. 17)

Percebemos, que o olhar da Linguística Textual é para o texto e seus contextos, tais quais sua produção, sua recepção e sua interpretação. Dessa forma o texto é um lugar de interação de sujeitos sociais, o quais, dialogicamente nele se constitui e são constituídos.

Outra autora faz um estudo relevante na mesma linha de pensamento sobre texto é Costa Val (1999) define que:

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto sejam um texto, e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que tenham a ver com fatores pragmáticos envolvidos no processo comunicativo. (COSTA VAL, p. 5)

Este conceito é de grande relevância, pois contribui para a compreensão e identificação de todo os fatores que constitui um texto. Dessa forma Guimarães (1990) discute:

São textos, portanto, uma a frase, um fragmento de um diálogo, um provérbio, um verso, uma estrofe, um poema, um romance, e até mesmo uma palavra-frase, ou seja, a chamada frase de situação ou frase inarticulada, como a que se apresenta em expressões como “fogo!”, “silêncio”, situadas em contextos específicos. Quando não limitado as fronteiras da linguagem verbal, no plano semiótico, de sentido multidimensional, texto ou discurso e sinônimo de processo que engloba as relações sintagmáticas de qualquer sistema de signos. Pode-se então falar de texto ou discurso cinematográfico, pictórico etc. Sob um outro prisma de reflexão, vê-se o texto, de um lado, como um sistema concluído, um conjunto hierarquizado de configurações estruturais internas; de outro lado, como um objeto aberto, plural, dialogante, ligado ao contexto Extra verbal. (GUIMARÃES, P. 14,15).

O conceito de texto para as autoras citadas acima nos mostra que há vários fatores que formam um texto, portanto, o olhar da Linguística Textual é para o texto e seus contextos, como sua produção, sua recepção e sua interpretação.

Para coesão e a coerência constituem dois fatores importantes da textualidade, mas em nossa pesquisa estudaremos apenas a coesão que é entendida como um conceito semântico referentes as relações de sentido que estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; desse modo a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. Sendo assim, Costa Val (1999):

A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexo entre os conceitos e a coesão, a expressão desse nexo no plano linguístico. (COSTA VAL, 1999, p. 7)

Desse modo entendemos que a coerência e a coesão são segmentos importantes no processo de produção e compreensão de um texto. A seguir apresentaremos as especificidades de cada, para melhor compreensão da nossa pesquisa.

1.1 Coerência

A coerência é responsável pelo sentido do texto, envolvendo fatores lógico semânticos e cognitivos, já que a interpretabilidade do texto se faz presente no texto desde o sentido que o enunciador busca atingir, até a recepção e interpretação que o leitor fará dele. Isto é, ela estará presente em todos os momentos em que esse texto for utilizado. Para Koch e Travaglia (p.16, 2005) “[...] a coerência tem fundamento a continuidade de sentidos, dizendo respeito ao modo

como os componentes do mundo textual, isto é, a configuração de conceitos e relações subjacentes à superfície do texto, são mutuamente acessíveis e relevantes”.

Para o texto ser coerente é preciso ter uma continuidade das ideias que são pertinentes ao assunto descrito, com o uso de recursos linguísticos específicos. Isto é, há uma relação de coerência e interpretação, estabelecido pelo autor e leitor. É importante salientar que a coerência é uma unidade de recursos linguístico que dão sentido ao texto. Em conformidade com Koch e Travaglia:

[...] a coerência não é apenas uma característica do texto, mas fundamentalmente da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo.[...] há elementos (pistas) no texto que permitem ao receptor calcular o sentido e estabelecer a coerência; mas muito depende do próprio receptor/interpretador do texto e seu conhecimento de mundo e da situação de produção bem como o grau de domínio dos elementos linguísticos pelos quais o texto se atualiza naquele momento discursivo-comunicativo.(KOCH & TRAVAGLIA, p.38).

Para identificar esses fatores no texto o leitor precisa fazer é um exercício de análise, ou seja, interpretar com os devidos conhecimentos de mundo adquirido pelo ele, que é um ponto crucial para organização do texto.

É importante ressaltar que independentemente de quem escreve e para quem escreve-se, o texto deve ser conciso e organizado no assunto discutido, pois a coerência é por completa e não fragmentada. Um texto mal escrito não dá condição ao leitor nenhuma possibilidade de perspectivas de aprendizado para quem se escreve.

Um texto incoerente não dá ao leitor a compreensão do que está sendo enunciado. Neste sentido podemos afirmar segundo Koch e Travaglia:

Texto incoerente é aquele em que o receptor (leitor ou ouvinte) não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o seu universo cognitivo. Texto coerente é o que “faz sentido” para seus usuários, o que torna necessária a incorporação de elementos cognitivos e pragmáticos ao estudo da coerência textual. (KOCH, TRAVAGLIA, p.32)

A seguir pontuaremos os aspectos relevantes da coesão, que é uma peça essencial para obter um texto bem estruturado.

1.2 Coesão

A coesão é fator importante de textualidade que envolve a escrita de um texto bem construído. Costa Val afirma:

A coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. Entre os primeiros estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, a as conjunções, por exemplo. Todos esses recursos expressam relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e sequências de frases dentro de um texto. (COSTAVAL,1991, p. 6)

A coesão textual é um conjunto de elementos linguístico que se relacionam de maneira que dão sentido ao texto. Com essas considerações podemos dizer que um texto é coeso quando as ideias estão bem organizadas, ou seja, as relações entre as suas partes são feitas de modo que as informações ali descritas sejam compreendidas pelo leitor. Koch afirma:

A coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto denominam “laço”, “elo coesivo”. (KOCH, 2002, p. 16)

Podemos observar que um texto não pode ser um amontoado de frases, é necessário haver o uso de recursos linguísticos que vão tecer o texto, e conseqüentemente haverá um texto coeso. Esses fatores de coesão são: referência, substituição, elipse, conjunção e a coesão lexical.

Na especificação destes termos podemos exemplificar, conforme Koch (2002) usando a descrição de Halliday & Hansan (1976), que diz respeito que a referência pode ser situacional, exófora e textual, endófora. A endófora por sua vez divide-se em anáfora e catáfora.

A referenciação é uma das formas estabelecidas pela coesão textual, por isso o processo anafórico e catafórica, tem como finalidade a de organização da unidade linguística do texto. De acordo com Koch:

Chamo, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual. (KOCH, 2002, p.31).

Nesse sentido a coesão entre dois elementos de um texto, quando um deles para ser interpretado semanticamente, exige a consideração do outro, que pode aparecer depois, ou antes, do primeiro, respectivamente anáfora e catáfora.

A anáfora é um aspecto linguísticos que permitem ao leitor a compreensão do texto, neste sentido destacaremos este recurso, pois é importante na construção de nossa análise, que circunscreve na Prova Brasil aplicada em 2011 e 2013.

A anáfora é deste modo, compreendida, na abordagem clássica, como um processo de reação de referentes prévios e estabelece uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Desse modo utiliza-se de artigos definido, os pronomes classificados em (demonstrativo, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativo) e os numerais cardinais e ordinais. “Quando anafóricos, têm por tarefa sinalizar que as indicações referenciais das predicções sobre o pronome devem ser colocadas em relação com as indicações de um determinado grupo nominal do contexto precedente.”(KOCH, 2002, p.39)

A anáfora é um recurso que serve como elemento essencial para que um texto apresente um determinado nível de coesão que permita sua adequada interpretação. Propomos demonstrar, através de uma análise descritiva, como se dá o funcionamento das anáforas nas questões da Prova Brasil.

CAPITULO II- METODOLOGIA

2.1. Metodologia de pesquisa

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, pois o estudo realizado e sistematizado com base em material publicado em livros, é também de natureza documental baseada em dois exemplares da Prova Brasil. Para a realização desse estudo tomamos como base teórica-metodológica perspectivas adotadas pela linguística textual, Koch (2002) e (2003), Guimarães (1990) Costa Val (1999).

Para Gil (2002) pesquisar é

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL 2002, p.17)

Conforme este mesmo autor a pesquisa bibliográfica se dá da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.23)

Procuramos então, desenvolver nossa pesquisa sobre a ocorrência de anáforas nos exercícios da prova Brasil, levando em consideração quais os tipos de anáforas que ocorrem. Portanto apresentaremos outra fonte de pesquisa que é documental, segundo Gil:

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de

um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (2002, p.46)

Para realização da mesma escolhemos quatro questões da Prova Brasil de Língua Portuguesa, do 9º ano, ensino fundamental, aplicada no ano de 2011 e umas questões aplicadas em 2013.

CAPÍTULO III – Apresentação dos dados e análise

Compreendemos que a anáfora é um recurso que serve como parâmetro para que um texto apresente um determinado nível de coesão que permita sua adequada interpretação. Nesta pesquisa propomos demonstrar, através de uma análise descritiva, como se dá o funcionamento das anáforas nos textos da Prova Brasil. Para compor esta análise, tomamos quatro textos, provas estas que foram aplicadas em 2011 e outra em 2013.

O propósito é expor as consequências dos distintos usos e desusos das anáforas, buscamos compreender que tipo de anáfora ocorre em nosso *corpus*.

Neste caso, compreendemos que conteúdo que a escrita traz o que é dito, encontra-se muitas vezes desconectado do seu valor significativo, que se configura no que está expresso ou no que se deseja expressar, devido ao uso de estruturas ou elementos que não localizam o referente ou que este não é o adequado para que determinada estrutura possa significar.

Para que texto possa apresentar o significado desejado é preciso que as conexões também estejam adequadas. Deste modo, o uso de um elemento anafórico correto é determinante para que o enunciado passe a denotar o sentido proposto.

Neste sentido, a linguística textual tem defendido que os objetos de discurso em um texto não devem ser considerados como pré-existentes, mas que se constroem e se reconstróem no próprio texto. Um elemento bastante usado para retomar, construir e/ou reconstruir esses objetos é a anáfora. Ela é responsável por garantir, de alguma maneira, a progressão referencial e entendê-la.

Pois sabemos que a anáfora pode ser entendida como expressão referencial que recupera uma parte do texto ou do discurso – e não apenas como um referente pontual por meio de nominalizações, rótulos ou dêiticos. Um conhecimento dos recursos linguísticos que contribuem para a construção do sentido do texto.

Para compreendermos melhor apresentaremos a seguir os textos para análise, segundo os estudos transcritos acima.

TEXTO 1

Neste trecho transcrito da crônica “O sapo”, é possível perceber o uso de anáforas diretas e indiretas, de acordo com a abordagem discursiva desta estratégia de progressão referencial.

Exercício1

O SAPO

Era uma vez um lindo príncipe por **quem** todas as moças se **apaixonavam**. Por **ele** também **se apaixonou** a bruxa horrenda que **o** pediu em casamento. O príncipe nem ligou e a bruxa ficou muito brava. “Se não vai casar comigo não vai **se** casar com ninguém mais! ” Olhou fundo **nos** olhos **dele** e disse: “**Você vai virar um sapo!** ” Ao ouvir **esta palavra** o príncipe sentiu estremeção. Teve medo. Acreditou. E **ele** virou **aquilo que a palavra feitiça** tinha dito. Sapo. Virou um sapo.

(A) Não deu atenção ao pedido de casamento

(ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Arts Poética)

No fragmento acima, há a ocorrência de anáfora direta, pois em primeiro lugar acontece a ativação dos referentes, ou seja, a contração “por quem” faz menção ao referente a partir do substantivo “Príncipe.” E também na contração quanto ao pronome oblíquo acima, que se ancora na expressão “ele virou um sapo”, pois, para serem compreendidos, é necessário que o leitor faça inferência, isto é, através do contexto e do seu próprio conhecimento de mundo, ele conclua que o encontro do qual trata a crônica é a transformação do príncipe em sapo e, a partir disto, que “dele” se refere à “olho do príncipe” e “o” se refere ao “Príncipe”.

Na segunda frase ocorre a anáfora indireta que pode ser identificada através do pronome pessoal “ele”. Já outro exemplo demonstra pelo pronome oblíquo “o”, em “o pediu”, ambos os pronomes fazem menção ao referente que pode ser identificado como o sujeito simples “Príncipe”.

Nesta frase “Você vai virar um sapo”, ocorrem dois exemplos de anáfora: no primeiro exemplo ocorre anáfora direta, pois o pronome “você” que se refere ao príncipe como “sapo”, pois o sujeito “ao príncipe” foram anteriormente explícito no texto.

Em “Olhou fundo nos olhos dele e disse”, ocorre anáfora por elipse, a desinência verbal olhou refere-se à “Bruxa” é correferencial ao pronome da contração “dele” e o pronome “o” é correferencial ao pronome “o” em “os príncipes”.

Na questão sobre a crônica “O príncipe NEM LIGOU e a bruxa ficou muito brava, a expressão destacada significa que (A) não deu atenção ao pedido de casamento. Também ocorrem, nesta questão, anáforas por elipse marcadas pela desinência verbal, como em “não deu”, que indica a terceira pessoa do singular e se refere à “ao Príncipe”.

A partir destes exemplos, é possível destacar que, na abordagem discursiva da anáfora, de modo inverso ao que ocorria na abordagem clássica, o discurso e, por sua vez, o contexto, tornam-se imprescindíveis para a compreensão desta estratégia de progressão referencial.

Sendo assim, pode-se notar este fato em todos os tipos de anáfora, tanto na anáfora indireta que, para que seja compreendida necessita de que algum elemento a “ancore” no texto e, portanto, requer que o leitor faça inferências, quanto na anáfora direta.

Neste sentido, no trecho do conto “O sapo”, é possível perceber o uso de anáforas diretas e indiretas, de acordo com a abordagem discursiva desta estratégia de progressão referencial. Nesta crônica, ocorre, em primeiro lugar, a ativação dos referentes.

Assim é importante ressaltar que os correferenciais são dois itens de formas diferentes ou iguais, que ativam o mesmo referente. Em muitos casos há correferência com recategorização. Quando se trata de formas pronominais, contudo, em geral não há recategorização.

Nesse sentido, entendemos que no decorrer do conto, estes mesmos referentes são reativados, na maioria das vezes por anáforas também cor referenciais, representadas por pronomes de terceira pessoa (do caso reto: ele, ela) e oblíquo, (o, a). Também ocorrem, neste conto, anáforas por elipse marcadas pela desinência verbal, como em “virou”, que indica a terceira pessoa do singular e se refere a “príncipe”.

É importante enfatizar que a partir destes exemplos, é possível destacar que, na abordagem discursiva da anáfora, de modo inverso ao que ocorria na abordagem clássica, o discurso e, por sua vez, o contexto, tornam-se imprescindíveis para a compreensão desta estratégia de progressão referencial.

Compreendemos que, na abordagem discursiva da anáfora, o contexto exerce função essencial no que diz respeito à construção dos referentes ativados ou reativados.

No trecho citado acima a partes que estão em negrito não ocorre uma anáfora por encapsulamentos, podemos perceber o uso de anáforas diretas e indiretas e também por elipse de acordo com a abordagem discursiva desta estratégia de progressão referencial.

TEXTO 2

Exercício 2

MINHA SOMBRA

De manhã a minha sombra /com meu papagaio e o meu macaco/ começam a me **arremedar**. E quando eu saio a/ minha sombra vai comigo/ fazendo o que eu faço/

seguindo os meus passos. /Depois e meio-dia./E a minha sombra fica do tamaninho de quando eu era menino.

De acordo com o texto, a sombra **imita** o menino:

Resposta: **(A)** de manhã.

LIMA, Jorge de. **Minha Sombra**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Aguillar Ltda.1958

Nessa estrofe do poema minha sombra na expressão na palavra arremedar quando se faz referência a palavras imita o menino ocorre uma anáfora por sinônimo, ou seja, esta estratégia de progressão referencial é entendida como sinônimo de uma simples retomada de um referente anteriormente explícito no texto. Sendo assim, esse tipo de anáfora corresponde a uma abordagem clássica conceituada como uma estratégia de progressão referencial.

Conforme Koch (2002) um dos tipos de anáfora mais comum era a anáfora por repetição (normalmente representada por pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo) que consistia em nada mais que uma simples retomada de um referente ativado anteriormente e, portanto, já explícito. A anáfora é deste modo, compreendida, na abordagem clássica, como um processo de reação de referentes prévios.

No trecho mencionado acima que em negrito ocorre à anáfora é deste modo, compreendida, na abordagem clássica, como um processo de reativação de referentes prévios.

A anáfora estabelece, além disso, uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. A anáfora direta, neste caso, atuaria como uma espécie de substituto do elemento retomado. Enquanto anáfora referencial: a referencialização é vista como uma atividade discursiva e cognitiva, isto é, uma atividade construída no e pelo discurso.

Os referentes, deste modo, não são entidades congeladas, mas uma instância de referencialidade efêmera. Para Koch, (2003) [...] a referencialização é uma atividade discursiva [...] pressuposto este que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem. A anáfora estabelece, além disso, uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Este recurso linguístico atuaria como uma espécie de substituto do elemento retomado.

TEXTO3

Exercício 3

ASSALTOS INSÓLITOS

(...) **Pois** lá estava o **dito-cujo** em sua casa, mas vestido em roupa de trabalho, pois resolvera dar **uma pintura na garagem e na cozinha**. As crianças haviam saído com a mulher para fazer compras e o marido **se entregava a essa terapêutica atividade**. (...)

No trecho “e o marido se entregara a essa terapêutica atividade.” A expressão destacada substitui:

Resposta: **(D)** pintar a casa

SANTANNA, Affonso Romano. **Porta de Colégio e Outras Crônicas**. São Paulo: Ática 1995. (Coleção Para Gostar de Ler).

Nesse trecho, a palavra o dito-cujo faz referência ao substantivo marido expresso anteriormente no texto, é possível perceber o uso de anáforas diretas e indiretas, de acordo com a abordagem discursiva desta estratégia de progressão referencial.

Nesta crônica, ocorre, em primeiro lugar, a ativação dos referentes: nessa primeira frase faz-se do texto, a contração “o dito-cujo” faz menção ao referente que, a partir do substantivo “marido e” pode ser identificado como “o patrão” e o pronome oblíquo “o”, em “o impressionaram”, faz menção ao referente que pode ser identificado como “Marido ou patrão”.

Tanto a contração quanto o pronome oblíquo acima, que se ancoram na expressão “já nos primeiros o “o dito-cujo”, são exemplos de anáfora indireta, pois, para serem compreendidos, é necessário que o leitor faça inferência, isto é, que, através do contexto e do seu próprio conhecimento de mundo, ele infira que as palavras marido ou patrão do qual trata a crônica são substantivos e, a partir disto, que “o” pronome oblíquo se refere à “ao marido” e “o” se refere ao “patrão”.

Ainda nessa mesma passagem dessa crônica podemos observar outro tipo de anáfora que ocorre na frase: uma pintura na garagem e na cozinha que faz referência ao termo se entregava a essa terapêutica atividade.

No segundo termo se entregava aparece uma anáfora por elipse, uma ocorrência que tem marcas pela desinência verbal, como em “entregava”, que indica a terceira pessoa do singular e se refere a “marido”. E também observamos a inferência de uma anáfora direta quando o pronome (Se) referência ao sujeito marido.

Sendo assim, a partir destes exemplos, é possível destacar que, na abordagem discursiva da anáfora, acontece de maneira inversa ao que ocorria na abordagem clássica, o discurso e, por sua vez, o contexto, tornam-se imprescindíveis para a compreensão desta estratégia de progressão referencial.

Notamos que a anáfora direta quanto a indireta, para sua compreensão necessita de que algum elemento à “fixa” no texto e requer que o leitor faça inferências. Esta abordagem o contexto exerce função essencial no que diz respeito à construção dos referentes ativados ou reativados.

Neste fragmento, “uma pintura na garagem e na cozinha, ” faz referência ao termo se entregava a essa terapêutica atividade deste modo, ocorre uma anáfora por encapsulamento, pois o autor da crônica, utilizou a expressão para rotular o que disse sobre uma possível mudança no discurso uma pintura na garagem e na cozinha, no parágrafo anterior, transformando esse trecho em um objeto-de-discurso. Isso ajudou na progressão do texto, já que ele não precisou citar o trecho novamente.

Nesse sentido, compreendemos que a anáfora encapsuladora é um tipo complexo de anáfora. Nesse caso, observamos que a palavra pintura, que não tem o mesmo significado também não se trata de um sinônimo da palavra “atividade”, porém possui o mesmo sentido.

As anáforas encapsuladoras, segundo Koch (2003), podem funcionar apenas para rotular um “segmento anterior do texto, transformando-o em objeto-de-discurso e abrindo, assim, a possibilidade de progressão textual”, ou como “rótulos avaliativos”, que “têm o poder de orientar o interlocutor no sentido de determinadas conclusões”. Conforme Koch (2004b, p. 71), um encapsulamento estabelece “um novo referente que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes. É esta a razão por que, frequentemente, aparecem em inícios de parágrafos”.

Embora o que Koch (2004) diz não seja uma regra, é ao menos comum que os encapsulamentos estejam ou no início de parágrafos, ou no início de períodos podem-se verificar os exemplos apresentados neste texto.

A seguir, como consideram alguns teóricos, as anáforas encapsuladora funcionam também como um rótulo avaliativo, pelo qual o autor do texto expõe a opinião dele próprio ou de outrem. Em textos de opinião, avaliar é parte da construção do texto. Se o autor tem um recurso que mostra essa avaliação, certamente poderá (e quererá) utilizá-lo.

TEXTO 4

Exercício 4

O MERCÚRIO ONIPRESENTE

Os venenos ambientais nunca seguem regras. Quando o mundo pensa ter descoberto tudo o que é preciso para **controlá-los**, **eles** voltam a atacar. Quando removemos o chumbo da gasolina, **ele ressurgue nos encanamentos envelhecidos**. Quando toxinas e resíduos são enterrados em aterros sanitários, contaminam o lençol freático. Mas ao menos acreditávamos conhecer bem o mercúrio. Apesar de todo o seu poder tóxico, desde que evitássemos determinadas espécies de peixes nas quais o nível de contaminação é particularmente elevado, estaríamos bem. [...]

Resposta :**(D)** O total controle dos venenos ambientais é impossível

Jeffrey Kluger. IstoÉ. nº 1927, 27/06/2006, p.114-115.

Na primeira oração no texto o termo. Os venenos ambientais nunca seguem regras faz menção ao referente indiretamente ao e de forma subjetiva aos produtores e agricultores que usam venenos. Neste sentido, a palavra veneno substitui de forma discursivamente o sujeito agricultor ou produtores rurais que os mesmo na plantação das lavouras utilizam venenos para amenizar e prevenir o aparecimento de insetos. Conforme Koch, [...] a referenciação é uma atividade discursiva [...] pressuposto este que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem, uma posição. [...]. (KOCH, 2002, p. 79).

De acordo com esta abordagem, a referenciação é vista como uma atividade discursiva e cognitiva, isto é, uma atividade construída no e pelo discurso. Os referentes, deste modo, não são entidades congeladas, mas uma instância de referencialidade efêmera.

Já na segunda, oração do texto eles voltam a atacar, a contração ele faz menção ao referente que, a partir do substantivo (veneno) pode ser identificado como controlá-lo e o pronome oblíquo (lo) impressionaram, faz menção ao referente que pode ser identificado como “veneno”. Compreendemos que a contração quanto o pronome oblíquo acima, que se ancoram na expressão, neste caso, ocorre dois tipos de anáfora sendo a primeira anáfora direta a segunda anáfora conferenciais.

Na terceira oração no texto acima ele ressurgue nos encanamentos envelhecidos ocorre uma anáfora direta, pois faz menção ao referente veneno. No decorrer do texto, estes mesmos referentes são reativados, na maioria das vezes por anáforas também correferenciais,

representadas por pronomes de terceira pessoa do caso reto: ele, ela e oblíquo: lhe, lhes, o, a. Na abordagem discursiva da anáfora, a divisão desta estratégia de progressão referencial em diversos tipos de anáfora, que apresentam características divergentes entre si.

Desta forma, compreendemos que a anáfora indireta refere a uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de reativação de referentes referindo-se, portanto, uma estratégia de progressão referencial implícita. Desta forma, as características da anáfora indireta, não reativa os referentes, porém ativar referentes implícitos no texto e se ancorar no universo extra textual contexto. Compreendemos que a anáfora, na abordagem discursiva, possibilita, em muitos casos, a recategorização de referentes.

Considerações Finais

O objetivo geral deste estudo foi o de reconhecer e comprovar de fato a importância do emprego adequado da anáfora para a produção e compreensão de um texto coerente e bem articulado. É uma atividade discursiva importante para a construção textual, mostrando o papel e a relevância desses princípios, na compreensão dos textos na Prova Brasil de língua portuguesa.

Tendo em vista que a anáfora é um recurso coesivo referencial que permite estabelecer conexões significativas as quais proporcionam ao texto uma sequencialização coerente, com posicionamento teórico da linguística textual.

É importante lembrar que o texto é uma unidade linguística de sentido, falada ou escrita, composta de textualidade sendo um conjunto de propriedades que constitui um de fato um texto. A anáfora, originária da coesão referencial, é um fator decisivo para o bom entendimento de um texto.

Sendo assim a intenção da pesquisa constitui como um auxílio no processo de análise dos mecanismos do uso anafórico em nosso corpus, percebemos a importância de compreender este recurso linguístico nos textos, pois observamos em nosso corpus as ocorrências de anáforas e, é de grande relevância para compreender o texto.

Concluímos que esses recursos linguísticos encontrados em nosso corpus, foram as anáforas diretas, indiretas e por elipse, tendo com maior ocorrência as indiretas. Nesta perspectiva podemos observar que as anáforas fazem o papel do elo que unifica e ao mesmo tempo dá condição para progressão e continuidade das ideias presente no âmbito textual.

Dessa maneira ao concluir esta pesquisa acreditamos que possa contribuir para definição das anáforas, pois o uso destes elementos linguísticos faz que o texto não tenha palavras repetidas e este uso se faz necessário para a organização em que o leitor (neste caso os alunos que fizeram a Prova Brasil) compreenda o texto e interprete-o visando um compartilhamento de interações necessárias entre o locutor e interlocutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA VAL. Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2º ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES. Elisa. **A articulação do texto**. ed. 1990.

KOCH, IngedoreG. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A coesão textual**, 20. ed.- São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **A coesão textual**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Texto e coerência**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2005.